

Conflito e ambigüidade entre Jesuítas e Protestantes no Brasil-Colônia através da depredação dos prédios escolares da Companhia de Jesus

Rachel Silveira Wrege

Resumo

Resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica (UNESP) e posteriormente de Mestrado (UNICAMP) abordo nesse artigo aspectos da educação escolar jesuítica no Brasil-Colônia a partir da leitura da Obra de Serafim Leite 'História da Companhia de Jesus no Brasil'. Através das pesquisas realizadas pôde-se observar que os ingleses os holandeses e os franceses exerceram uma interferência significativa sobre o funcionamento das instituições escolares dos jesuítas.

Palavras-chaves: História da Educação; Educação Colonial; Jesuítas.

Abstract

As a result of a “Scientific Initiation” (UNESP) and, afterly, a “Master Course” research, in this article I analyze aspects of Jesuitic school education in Brazil-Colony from Serafim Leite book titled “The Society of Jesus History in Brazil”. Through my researches, I could observe English, Dutch and French people exercised significant influence over Jesuitic school institutions performance.

Key-words: Jesuits; Protestants; Brazil-colony.

Ao se deparar com a bibliografia de História da Educação Brasileira referente à educação escolar jesuítica no Brasil-Colônia, pode-se perceber que a Obra do padre Serafim Leite "História da Companhia de Jesus no Brasil" tem sido utilizada constantemente enquanto fonte de consulta. Em consequência de um estudo mais profundo desta Obra é que no período compreendido de agosto de 1988 ao mesmo mês de 1989 me propus a realizar um trabalho de Iniciação Científica, que se configurou na monografia "Instituições Escolares Jesuíticas na Obra de Serafim Leite", sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf, quando ainda cursava Pedagogia na Unesp de Araraquara/SP. Em resumo, este trabalho inicial consistiu no levantamento acerca dos colégios jesuíticos descritos na Obra de Serafim Leite "História da Companhia de Jesus no Brasil", nos seus livros "Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil", "Páginas de História do Brasil", e, numa bibliografia de contexto histórico que apresentasse os vínculos dos colégios jesuíticos com a história do Brasil-Colônia.

Ao elaborar a monografia de Iniciação Científica pude constatar que os estudos nela contidos a respeito da História da Educação jesuítica no Brasil-Colônia se apresentavam de maneira fragmentada, pois num trabalho inicial, não se teve o objetivo de se fazer um levantamento de assuntos a partir da leitura de toda a Obra de Serafim Leite, mas apenas foram lidos os capítulos que mencionavam, de modo claro, os colégios. A proposta de um estudo completo da "História da Companhia de Jesus no Brasil", tornou-se, então, imprescindível, a fim de que a área de História da Educação tivesse disponíveis informações acerca da educação escolar jesuítica a partir desta principal Obra do padre jesuíta Serafim Leite. A respectiva pesquisa foi elaborada no Mestrado da Universidade Estadual de Campinas, tendo como dissertação "A Educação Escolar Jesuítica no Brasil-Colônia: uma leitura da Obra de Serafim Leite 'História da Companhia de Jesus no Brasil'", sob a orientação do Prof. Dr. Dermeval Saviani. De março de 1991 a junho de 1993 foram lidos os sete primeiros tomos que compõem a descrição da atuação jesuítica na Colônia, sendo que no decorrer da extensão do trabalho do padre Serafim Leite procurei extrair todo o conteúdo relacionado à vida das escolas dos jesuítas. Por conseguinte, a pesquisa direcionou-se tanto para os aspectos da existência interna, bem como para os elementos externos à educação escolar, ou seja, na composição da dissertação de Mestrado tive o objetivo de abordar o relacionamento das escolas jesuíticas com a sociedade colonial; contudo, dei destaque para a exposição de cada colégio e de suas características pedagógicas. Tive o cuidado de me distanciar da interpretação de Serafim Leite, por ser apologética e excessivamente descritiva, considerando-se que o autor foi padre da própria

Ordem Jesuítica, sendo destinado a traçar o histórico da presença jesuítica no Brasil-Colônia. Sendo assim, ao longo da dissertação ficam evidenciadas as partes da "História da Companhia de Jesus no Brasil" em que Serafim Leite é apologético, mas, sobretudo, há um aproveitamento completo da descrição que este historiador faz sobre os colégios, com o acréscimo de uma tentativa de interpretação analítica de minha parte.

A característica principal da leitura feita da Obra de Serafim Leite consubstanciou-se no trabalho de percepção de um temário vasto, que na dissertação, aparece no interior do desenvolvimento dos capítulos. Fazem parte do corpo da dissertação temas ou assuntos como: o vínculo entre ensino e catequese no século XVI e os colégios de meninos; a diferenciação entre aldeamentos, casas de ensino e colégios; os jesuítas como comerciantes de açúcar: a mudança do recebimento da redízima dos funcionários públicos reais para a busca direta, por parte dos padres, do açúcar produzido nas fazendas da Colônia; o agravamento financeiro da Companhia de Jesus por ocasião da vinda de meninos órfãos de Lisboa; a dualidade no ensino provocada pela implementação dos colégios, em detrimento dos colégios de meninos; a existência de escravos negros nas fazendas de manutenção dos colégios e a pseudo-humanização de seus trabalhos, com a introdução de instrumental agrícola; as diversas proveniências das verbas para o sustento das atividades escolares; o caso específico do Brasil; a concessão da Companhia de Jesus de Roma para a criação do ensino elementar e, os ajustes feitos entre as peculiaridades educacionais da Colônia e o cumprimento do plano de estudos da Companhia de Jesus "Ratio Studiorum"; os conflitos entre o padrão de ensino oferecido pelos colégios jesuíticos europeus e a realidade educacional encontrada no Brasil; o rigor na avaliação do rendimento escolar, as conseqüentes reprovações e evasões escolares e, a decisão de tornar o ensino jesuítico mais adequado às características dos alunos dos colégios do Brasil; a confluência dos autores europeus, portugueses e da Colônia estudados nos cursos de Humanidades, Filosofia e Teologia; o rígido esquema disciplinar dos colégios e os vários tipos de castigo conforme a graduação das idades; os períodos de férias e de feriados como forma de tornar os alunos mais rendosos e concentrados nos estudos; os estímulos pedagógicos provocados pelas festas solenes de formatura; a escolha de reitores pelos próprios padres e pelo padre Geral; o nomadismo dos jesuítas ocasionado por discordâncias que tinham com os políticos e, também devido às condições economicamente desfavoráveis de permanência nos locais onde provisoriamente se estabeleciam.

Vê-se que o elenco de assuntos tratados no desenvolvimento da dissertação de Mestrado é bastante amplo. No entanto, tal temário, de certa

forma, existe em maior ou menor profundidade nos textos de História da Educação, que tratam do período jesuítico no Brasil-Colônia. Talvez um assunto, de extrema relevância, ainda não tenha sido estudado, pois não foi ainda pensado, sendo que consiste nas incursões estrangeiras de holandeses, franceses e ingleses, que ao invadirem o território colonial, tomavam conta das dependências dos colégios jesuíticos, enquanto locais estratégicos de esconderijo e de abrigo contra as investidas portuguesas. Desta feita, o domínio jesuítico no âmbito da educação escolar ficava sem expressão nos períodos em que as vilas se viam sem defesa suficiente para combater as tentativas de colonização de tais incursões de origem protestante.

O Colégio dos Meninos de Jesus de São Vicente, sendo fundado em 1549 com a chegada dos padres jesuítas ao Brasil, recebeu a interferência de corsários ingleses. Esta instituição escolar assumiu a forma de Colégio de meninos para atender a filhos de colonos e a meninos índios, mediante o ensino das primeiras letras do português e da doutrina jesuítica, sendo que restava aos melhores alunos a aprendizagem da língua latina. A mudança desta escola para Piratininga em 1553 deveu-se à falta de condições financeiras dos padres e, logo em 1585 eles também saem do local por solicitação do capitão, que não desejava a presença deles, porque se posicionavam contra a escravidão indígena praticada pelos colonos. Mas o motivo principal dos padres terem fechado a escola de primeiras letras de Piratininga foi a destruição de toda a Vila de São Vicente por piratas ingleses que se aliaram aos índios. As invasões desses corsários provocaram o deslocamento dos padres para outros locais, onde criaram outras escolas. Sendo assim, uma primeira característica dos colégios em relação às invasões estrangeiras era a interrupção dos estudos, seguida por um certo nomadismo da parte dos jesuítas; tanto é que de Piratininga eles rumam para Santos, aproximadamente, em 1585 com a garantia de que teriam a proteção militar e a ajuda financeira dos moradores e do capitão local. Tão logo os jesuítas chegaram, instalaram uma casa de ensino nas dependências da câmara de vereadores para oferecerem aulas de primeiras letras e de doutrina para os moradores. Entretanto, o atendimento a esses moradores de Santos encerrou-se devido à invasão da escola também pelos ingleses, em 1591, sendo que os jesuítas se retiram de lá temporariamente. Apesar do roubo de uma verba, por parte dos corsários, que seria utilizada para a construção de um prédio escolar apropriado, os jesuítas resolvem permanecer em Santos, mesmo estando os estudos interrompidos. Nove anos depois, passado o perigo inglês, em 1600 estavam funcionando duas casas de ensino na capitania de São Vicente em Piratininga e em Santos.¹

¹ S.I. SERAFIM LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, t.I, p.251-267.

O atraso na criação do Colégio do Rio de Janeiro, ocorrida apenas em 1573, é explicado através da colonização portuguesa ter sido ameaçada pelas invasões francesas na capitania. Os jesuítas e os colonos portugueses chegam ao Rio de Janeiro em 1552 e, procuram fazer com que o local se tornasse habitável e que não fosse ameaçado pelos franceses. Supondo que em 1573 os conflitos com os franceses haviam se resolvido, os padres fundam uma escola e em 1581 o seu funcionamento permanece, só que os alunos dividem o tempo dos estudos com a organização de uma frente de combate aos franceses, que foi auxiliada pelas mulheres da Vila. A má impressão acerca desta frente comandada por um padre surtiu o efeito desejado, culminando na temerosidade dos franceses:²

...os Jesuítas, e a própria mulher de Salvador Correia de Sá, Dna. Inez de Souza, organizaram a defesa, colocando-se a própria Dna. Inez à frente dum batalhão de mulheres: pondo chapéus militares na cabeça e empunhando arcos e flechas, encheram as fortalezas, dando a impressão de estarem guarneçadas. Os estudantes do Colégio juntaram-se num batalhão semelhante".³

As invasões estrangeiras de franceses no Rio de Janeiro foram responsáveis pela pendência na construção de um prédio escolar adequado às necessidades desta vila porque o padre Nóbrega, ao falecer em 1570, no período do conflito, não pôde dar continuidade ao processo de legalização do terreno do colégio que havia sido doado por Estácio de Sá. A falta de um padre que se empenhasse na solução deste problema, bem como o acúmulo de dívidas dos jesuítas, não saldadas para com os vendedores de materiais de construção do Rio de Janeiro contribuíram para que o colégio só fosse inaugurado em 1581, sendo que a sua existência foi possível em conseqüência do estabelecimento, pelo rei português, da doação da metade das multas locais da Vila para os jesuítas.⁴

A colonização tardia de Sergipe deveu-se à atuação francesa em termos de colonização no local, aliada aos índios. Além do mais, os padres do Colégio da Bahia indo para lá em 1575 enfrentam o agravante de não terem sido bem-vindos pelos próprios colonos portugueses escravizadores de índios e, por isso fundam uma casa de ensino e de catequese, reforçando a presença religiosa e colonizadora com a vinda de índios catequizados da Bahia. Essas providências ocasionaram a colonização portuguesa do Sergipe a partir de 1589, mas o ensino não passou de simples catequese e primeiras letras porque a Bahia e Pernambuco dispunham de colégios de

² *Op.cit.*, t.I,p. 362-365, 368-369, 375-378, 380-389, 394-396, t.II, p.457.

³ *Op.cit.*, t.I, p.396.

⁴ *Op.cit.*, t.I, 397-401, 410-413, 417-418.

fato e, julgaram os jesuítas que o local era precário para a sobrevivência de um colégio de maior porte. Certamente também, a presença anterior da ameaça dos franceses não encorajou a fundação de um ensino mais solidificado.⁵

O Colégio da Bahia, que foi fundado logo que os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549 e oferecia a educação elementar, o grau intermediário de Humanidades e os cursos superiores de Filosofia e Teologia, no século XVI não foi atingido pelas invasões estrangeiras. Esta tranqüilidade não existiu, no século XVII, no respectivo colégio, entre 1623 e 1654. Não bastando o problema dos padres com as revoltas de índios, eles tiveram de enfrentar as tentativas holandesas de tomada da Bahia, incumbindo-se com as atividades de ensino e, principalmente, trabalharam no encorajamento dos soldados portugueses e realizaram a difícil tarefa de reforçar os princípios católicos para a população portuguesa local, indo de encontro às idéias protestantes veiculadas pelos holandeses.⁶

Saíram com a mesma pressa os nossos Padres pelas ruas, casas e fortalezas, a animar e confessar os soldados e o mesmo fizeram muitos dos outros Religiosos. Prepararam-se com não menor cuidado as almas para a morte que os corpos para a guerra.⁷

Assim andaremos por êstes matos, acudindo do modo que pudermos a esta pobre gente para que se não meta com os hereges...⁸

A tomada completa pelos holandeses em 1624 obrigou os padres a fecharem o colégio por tempo indeterminado; brevemente, esses padres e os alunos internos foram se abrigar na casa de lazer e de devoção que este colégio possuía, que por se situar proximamente não serviu para a moradia e o ensino elementar enquanto os holandeses estiveram na Bahia. Sendo assim, alguns padres e alunos vão para Porto Seguro, a fim de trabalharem em duas aldeias indígenas com a doutrinação sobre os índios e a alfabetização em português para os índios menores, considerando-se que os alunos internos não prosseguiram, no momento os seus estudos, pelo contrário tiveram que auxiliar os padres na condução da catequese e do ensino. A transferência desses padres e alunos, assim como para os outros padres e alunos do mesmo colégio que se direcionaram para Sergipe num trabalho semelhante, pode ser considerada como característica principal das invasões holandesas referentes ao Colégio da Bahia. Esta instituição escolar

⁵ *Op.cit.*, t.I, p.439-450

⁶ *Op.cit.*, t.V, p. 70-71, 74-75, 96, 99-101, 243, 246, 10-11, 25-30, 34, 37, 57-59, 247-251, 199-201, 255-258.

⁷ *Op.cit.*, t.V, p.29

⁸ *Op.cit.*, t.V, p. 42-43, 59, 92, 106-114, 128, 163-164.

ainda assumiu grande parte do ônus financeiro do conflito, pois os índios que trabalhavam nas fazendas dos jesuítas atuaram como soldados e, durante o embate com os inimigos, foram sustentados com os recursos do colégio. Apesar desses auxílios para que a colonização portuguesa na Bahia se firmasse, os jesuítas não contaram com o respaldo político e militar do rei de Portugal porque no acirramento do conflito, alguns deles foram exilados para a Holanda, numa atitude de coação psicológica dos holandeses em relação à Coroa Portuguesa, para possíveis negociações. Resultou disso a permanência dos padres na Companhia de Jesus dos Países Baixos até 1626 e, retornaram ao colégio quando o problema entre holandeses e portugueses tinha se resolvido há um ano. Por conseguinte, a Bahia sendo reconquistada pelos portugueses em 1625, ficou notória a falta dos padres nas atividades docentes e administrativas do colégio, que voltou a funcionar.⁹

Os holandeses ao impedirem o funcionamento do colégio, invadiram as suas dependências e improvisaram quartos nas salas de aula, sendo que destruíram objetos tipicamente católicos, para demonstrarem que seriam capazes de substituí-los por ornamentos de origem protestante. Preponderando os portugueses sobre os holandeses, o colégio também não foi poupado com a conseqüente ocupação tanto de soldados portugueses como espanhóis, que serviam à união política da Espanha e de Portugal, ou seja, à Coroa Ibérica e, consideraram o prédio escolar um lugar seguro e interessante para se abrigarem contra os holandeses. Os poucos padres que se encontravam presentes tiveram, então, que se acomodar em poucos quartos, o que se faz pensar que o zelo religioso ficou prejudicado devido ao uso excessivamente indevido do colégio; em 1625 ele foi reconstruído e, na biblioteca, livros fundamentais para a preparação das aulas e de utilização constante dos alunos não pertenceram, pelo menos essas cópias, à nova biblioteca, pois os holandeses trataram de roubá-los. Acrescentam-se ao desfalque temporário de livros na biblioteca, a destruição da igreja que ficava perto do colégio e, que não foi de imediato, construída novamente, em função de dívidas não pagas pelos jesuítas ao rei de Portugal por causa dos gastos com o colégio. Este endividamento aproximou ainda mais o ensino da catequese, fazendo com que os padres realizassem as missas nas salas de aula.¹⁰

Os holandeses retornando à Bahia em 1638, mesmo estando sob o comando de Maurício de Nassau, tiveram dificuldades para penetrar na capitania, pois tanto os colonos portugueses como os jesuítas tinham adquirido formas de resistência. Os alunos internos atuaram na ministração

⁹ *Op.cit.*, t.V, p. 30-35, 46-50, 55-56, 58-59, 80, 106, 240, 261.

¹⁰ *Op.cit.*, t.V. p. 42-43, 59, 92, 106-114, 128, 163-164.

da doutrina cristã junto aos soldados portugueses e no cuidado dos feridos, enquanto que os alunos externos, por não serem jesuítas, se tornaram soldados sem um prévio preparo militar. Esta educação para a guerra era feita na prática do conflito, sendo que os alunos deixavam os estudos nessas épocas de ameaça colonizadora externa. Como o colégio não fora destruído, tornou-se possível o tratamento dos soldados feridos no combate na enfermaria e na conhecida "botica" da instituição escolar. Também parte da alimentação dos soldados foi oferecida pelos jesuítas, através, principalmente, da carne que era abatida das fazendas não atingidas do colégio. Ainda, os jesuítas professores, vendo-se impossibilitados para exercerem a docência, construíram trincheiras e mais, ajudaram com dinheiro, a manter o conflito. Como a única fonte de alimentação acabou ficando a cargo dos padres, os holandeses ao perceberem esta exclusividade, destruíram toda a atividade produtiva da Companhia de Jesus na Bahia, a fim de que os soldados portugueses se enfraquecessem, ainda mais que a Bahia estava sem comunicação com o restante da Colônia. Vê-se, portanto, que o conflito de 1624 ocasionou apenas a destruição de um engenho do colégio, ao passo que em 1638 o prejuízo foi maior para os jesuítas, que além de se verem sem os seus meios de sobrevivência, tiveram de pagar os trabalhadores que haviam contratado, anteriormente, para coordenar e controlar os trabalhos desempenhados pelos escravos negros das fazendas do colégio. Dada esta situação, o Colégio do Rio de Janeiro assumiu este pagamento e, os padres Vieira e Filipe Franco, na qualidade de padres respeitados em Portugal, solicitaram ao rei uma ajuda financeira para que a Bahia, realmente, voltasse para o domínio português. Este pedido dos padres ao rei de Portugal demonstra que os holandeses haviam atingido o alvo acertado para enfraquecer os portugueses, entretanto, com a manutenção do conflito pelo portugueses, a Bahia é reconquistada no ano de 1647.¹¹

Com a retirada dos holandeses, o colégio volta a oferecer o ensino, pois nesta invasão não ocorreu a destruição de seu prédio; a igreja que inexistia desde 1624 demorou para ser reconstruída, por causa do receio dos padres de que os holandeses voltassem à capitania e que destruíssem os ornamentos sagrados. Sendo assim, a construção do prédio da igreja deu-se em 1654, mediante a ajuda financeira de fazendeiros que moravam proximamente à Bahia, com a doação de dinheiro e, sobretudo, de parte da produção açucareira de suas propriedades, em troca da realização de missas rezadas em favor das almas desses proprietários. O título adquirido por esses nobres como benfeitores da igreja era útil na medida em que

¹¹ *Op.cit.*, t.V, p. 10-11, 34, 37, 25-30, 57059, 199-200, 60-66, 89, 201, 243, 246-251, 255-258.

estimulava a doação de verbas para os jesuítas vindas de mais nobres. Os holandeses, vendo-se sem chances de retomar à capital do Brasil, ocupam o território de Angola, que também pertencia a Portugal e, enviam jesuítas de lá, em exílio, para o Colégio da Bahia, na esperança de conseguirem negociações, conforme o mesmo procedimento utilizado com os jesuítas da Bahia.¹²

Os padres do Colégio da Bahia, ao elaborarem um plano de criação de um seminário para índios, destinado à formação cristã e, não para o preparo sacerdotal, por conta das invasões holandesas este projeto não foi efetivado em seguida e, quando em 1728 esta instituição foi fundada, com o apoio financeiro do rei de Portugal, já havia se descaracterizado, ao constatar-se que objetivou ser residência e lugar de estudos para alunos internos, filhos de fazendeiros, que tinham a finalidade de virem a ser padres jesuítas. O rei português aproveitou o atraso na construção do seminário para não aprovar a licença para o funcionamento do projeto pedagógico inicial e original desta escola, forçando a sua mudança para se constituir em casa de educação para alunos internos nobres, decisão esta que provocou a separação dos futuros padres dos alunos externos do Colégio da Bahia, pois a maior parte do tempo passaram a conviver neste seminário, sendo que só as aulas as tinham em conjunto com os alunos que não tinham feito a opção pelo sacerdócio.¹³

Sergipe, como parte da região baiana, não possuiu qualquer forma de escolarização no século XVI; no século subsequente, a partir de 1620, os jesuítas planejaram a fundação de uma casa de ensino que pudesse oferecer o curso de primeiras letras e a doutrina cristã para filhos de fazendeiros e, para os moradores de um modo geral, desde que não fossem índios. Nas regiões de pouco desenvolvimento econômico, como era o caso de Sergipe, as casas de ensino se assemelhavam às primeiras escolas jesuíticas do século XVI quanto ao aspecto curricular, mas se diferenciavam por darem acesso ao ensino apenas para os colonos de origem portuguesa, eliminando os índios dos estudos. A falta de desenvolvimento da atividade econômica e a permanência de uma simples casa de ensino elementar foram, em parte, ocasionadas pelo problema das invasões holandesas, que além do mais, indiretamente, impediram a construção imediata de uma casa de ensino:¹⁴

Enfim de 1631 diz-se que já se tinha começado a Residência fixa e estavam nela o P. Sebastião Vaz, Superior, Dom o Ir. Gaspar de

¹² *Op.cit.*, t.V, p. 107-117, 128, 163-164, 64-66.

¹³ *Op.cit.*, t.V.p.87-89, 141-148, 151, 153-155, t.II, p. 300, 393-395, 401-402.

¹⁴ *Op.cit.*, t.V, p.316-318.

Almeida. Mas era Residência precária, não tanto por si-mesma, como pelas perturbações da invasão holandesa que se aproximava do Rio de São Francisco e não deixaria em paz a própria Capitania de Sergipe e o Rio Real. E assim só mais tarde se retomaria, além das Casas das Fazendas, a idéia de residência na Cidade. E com a nota de que os Sergipanos queriam não apenas Residência, mas Colégio. A idéia surgiu por volta de 1681, (...) A 4 de julho de 1684 a câmara da Cidade do Sergipe escreve a El-Rei, e pede-lhe auxílio, para concluir a matriz, e a renda de 2.000 cruzados para fundar um Colégio. Acordou-se no Conselho Ultramarino que não se poderia deferir, enquanto não constasse que El-Rei era obrigado a dotá-lo.¹⁵

Pernambuco situava-se perto de Sergipe, contudo não fazia parte da região da Bahia e representava o centro administrativo do nordeste. Enquanto lugar central, Olinda dispôs de uma casa de ensino desde a chegada dos jesuítas ao Brasil em 1549; a partir de 1568 esta casa foi transformada em colégio, através das aulas de primeiras letras, humanidades, Filosofia e Teologia. A política educacional de Portugal para com o Brasil se consolidou e foi demonstrada através dos professores do ensino de primeiras letras e de latim, que, de certa forma, ainda eram leigos, pois não dispunham do curso completo de Teologia Moral. Nem este ensino precário existiu entre 1635 e 1654, em razão das invasões holandesas, sendo que os cursos de Filosofia e de Teologia Moral existentes antes da tomada do local pelos incursores, voltaram a funcionar somente a partir de 1673. O extenso tempo sem a existência dos cursos fez com que a câmara de vereadores de Olinda solicitasse a reabertura do colégio à Companhia de Jesus de Roma, como se esta instituição nunca tivesse funcionado anteriormente. A descontinuidade no oferecimento do ensino por causa da interferência holandesa no local, provocou o deslocamento dos jesuítas das atividades docentes para um trabalho de pregação religiosa imbuída de uma ideologia patriótica com o objetivo de encorajar os soldados junto ao conflito com os holandeses e, pode-se observar que a dedicação dos padres, bem como o encerramento do colégio por tempo indeterminado não permitiram a formação, durante este conflito, de filhos de nobres que queriam se destinar para a carreira política, para cargos da administração ou a fim de se prepararem para o sacerdócio. A escassez de padres atuantes não se justificava apenas porque o curso de Teologia foi interrompido, pois, sobretudo, os holandeses ao invadirem Pernambuco, assim como a Bahia, exilaram os jesuítas para a Holanda, que tiveram a opção de ficar, no caso de alguns desses padres e, outros não voltaram porque se encontravam em

¹⁵ *Op.cit.*, t.V. p. 316-317

idade avançada; portanto, um número reduzido de jesuítas retornou a Pernambuco.¹⁶

Antônio Vieira e mais alguns padres que conseguiram permanecer em Olinda tiveram uma atuação significativa na reconquista desta parte da Colônia. Provém de Vieira a proposta feita ao rei de Portugal de se criar a "Companhia de Comércio das Índias Ocidentais", mediante a aliança feita com os judeus, para que o trono português tivesse condições financeiras de manter Pernambuco sob domínio. Em termos reais, esta Companhia veio a ser fundada pelo rei de Portugal e sustentou o conflito dos portugueses com os holandeses em Pernambuco, a partir do auxílio dos judeus. Fez parte da estratégia de reconquista a idéia, também do padre Vieira, de propor enganosamente a venda de Pernambuco para o governo da Holanda e, enquanto isso, os portugueses se fortaleceram contra os holandeses presentes. Este plano foi acertado porque em 1647 Portugal reconquista o que havia perdido e, em 1654 a Grã-Bretanha ao possuir o predomínio econômico sobre Portugal, reconhece os limites pernambucanos como sendo de domínio portugueses.¹⁷

A participação do Colégio de Olinda no embate em relação aos holandeses se deu com a formação de uma companhia de estudantes em que os alunos se transformaram em soldados, conforme a vontade e a disponibilidade de cada um deles. Como os padres haviam realizado um trabalho de catequese com os índios de algumas aldeias que se localizavam perto de Olinda, os catequizados também atuaram como soldados, sendo auxiliados pelo aproveitamento dos escravos negros que trabalhavam nas fazendas dessa instituição escolar, restando aos padres a transmissão de doutrina e de incentivo para todos aqueles que tinham se disposto a recuperar Pernambuco para os domínios de Portugal. É interessante perceber que o conflito não se dava só no âmbito político porque os padres tinham de trabalhar com afinco para que a doutrina jesuítica fosse difundida, com o intuito de neutralizar o ideário religioso protestante dos holandeses. Os problemas religiosos dos jesuítas com o Protestantismo chegaram ao extremo do Colégio vir a ser demolido, tanto é que teve de ser construído novamente depois, em 1666, quando os holandeses haviam se retirado completamente do local.¹⁸

Recife situava-se proximamente de Olinda e, por isso, enfrentou igualmente o problema das incursões holandeses, que interferiram no

¹⁶ *Op.cit.*, t.V, p.343-344, 346-347, 378, 384, 392-394, 383, 385-388, 332-333, 405-408, 412-413, 408-409, 414-415, 434-435, 432-433, 401.

¹⁷ *Op.cit.*, t.V.p. 343-344, 346-347, 378, 384, 392-393, 383, 385-388, 406, 409, 393-394, 401, 405-407, 412-413, 408, 414-415

¹⁸ *Op.cit.*, t.V, p. 348-351, 400, 403, 416-417, 371, 378, 392.

andamento das atividades educacionais. No século XVI não houve iniciativas referentes à educação escolar em Recife porque os jesuítas consideravam suficiente existir o Colégio de Olinda na região. No início do século seguinte, Recife deixa de ser apenas entreposto comercial de Olinda e conquista atividade econômica própria através do desenvolvimento do comércio. Esta vida citadina estimulou e exigiu que os moradores de lá solicitassem aos jesuítas a abertura de uma casa de ensino, que existiu em 1619 a partir de empenho do Colégio de Olinda, ficando dependente jurídica e economicamente desta instituição de maior porte conforme a ordenação do padre Geral de Roma. A respectiva casa foi fechada logo em seguida porque o padre Provincial considerou suficiente o funcionamento de uma escola de franciscanos em Recife e o Colégio de Olinda, não podendo ser este padre contrariado dado o fato de ser o coordenador e supervisor do ensino na Colônia. Ainda que fosse do desejo do capitão local e dos moradores, a reabertura imediata da casa de ensino não foi viável em razão da presença holandesa, que na prática reforçou a intenção do padre Providencial ao impedir o funcionamento de um colégio. O ensino de primeiras letras deixou de ser oferecido, servindo a casa para moradia dos padres e principalmente, como centro de disseminação da doutrina jesuítica e de oposição sistemática aos princípios religiosos dos holandeses.¹⁹

A expulsão dos holandeses não retirou traços deixados por eles em Recife quanto à arquitetura de duas casas que a Companhia de Jesus passou a ser proprietária e, que foram utilizadas na obtenção de aluguel a moradores da Vila; ao observar-se que foram construídas na época do conflito pelos incursores. A verba retirada do aluguel dessas casas passou a ser convertida para a manutenção de uma casa de primeiras letras que foi criada em 1659, com a saída dos holandeses. Como o conflito resolveu-se somente em 1654 um colégio não foi instituído a princípio porque Recife ficou muitos anos sem sequer uma casa de ensino. Sendo assim, a descontinuidade na existência da educação escolar, ocorrida por causa das invasões holandesas, não permitiu uma passagem rápida da casa de ensino para colégio. Isto significa compreender que além do ensino ter sido inconstante, ao haver o seu retorno, os jesuítas o iniciaram pela educação elementar e nem planejaram, naquele momento, a criação dos cursos superiores da Filosofia e Teologia. Este grau de ensino só foi inaugurado em 1678 quando a casa de ensino foi modificada para colégio e, pode-se concluir que o ensino adquiriu estabilidade depois que os padres tiveram a garantia de que não haveria mais as incursões de holandeses.²⁰

¹⁹ *Op.cit.*, t.V., p. 460-462, 484-485.

²⁰ *Op.cit.*, t.V., p. 461-462, 484-485.

As poucas informações que se têm a respeito dos jesuítas na Paraíba, como parte da região nordestina, é de que lá não existiu escola até 1683, por causa da interferência holandesa, sendo que se percebe que é com a saída dos holandeses, em 1654, que a Companhia de Jesus passou a realizar um trabalho efetivo de catequese com os índios; logo depois, o ensino elementar é oferecido, precariamente, em uma igreja periférica da cidade.²¹

O Rio de Janeiro, enquanto sede da região sul da Companhia de Jesus na Colônia, foi prejudicado com as invasões estrangeiras no século XVII. Ademais, assim como no século XVI, no século XVIII visualizou-se a presença de franceses na capitania do Rio de Janeiro e, o colégio dos jesuítas nesta cidade, dispoendo dos cursos de primeira letras, Humanidades, Filosofia, Teologia Moral e Especulativa, não funcionou normalmente nos anos de 1648 e 1711 em consequência da invasão francesa. Deve-se ressaltar que o curso de Teologia Especulativa, que se traduzia nos últimos dois anos da Teologia, continuou sendo dado sob a forma de aulas particulares. O projeto de fazer com que este curso fosse regular e extensivo a um número maior de alunos se concretizou em 1725, num período em que os franceses já haviam sido expulsos. A saída deles foi possível porque ocorreram negociações, isto é, os vencidos exigiram do capitão a posse de bois e de açúcar retirados das fazendas dos jesuítas, por serem as únicas que dispunham de maior produtividade.²²

Apesar dos cursos terem funcionado de forma descontínua no colégio, o prédio escolar não foi destruído pelos franceses, o que possibilitou o prosseguimento das aulas assim que o conflito foi resolvido. A proteção do prédio escolar, feita pelos jesuítas que trabalhavam no colégio através da construção de trincheiras, se explica em função da experiência com as invasões holandesas que se deram concomitantemente às incursões em Pernambuco e na Bahia, em 1624. Quanto a essas invasões holandesas, os padres do Rio de Janeiro enviaram alimentos para os padres da Bahia, que estavam sem meios de sobrevivência. O conflito, não sendo solucionado em 1624, em 1640 e em 1648 volta a se dar e, os soldados portugueses além de se prepararem militarmente, foram submetidos à doutrina religiosa, enquanto forma de encorajamento.²³

Os anos de conflito enfrentados pelos jesuítas do Colégio do Rio de Janeiro corresponderam ao mesmo período em que o Colégio de Vitória, situando-se na região, se viu ameaçado também pelos holandeses. Os padres

²¹ *Op.cit.*, t.V, p.491-493, 496-497, 503.

²² *Op.cit.*, t.VI, p. 3-6, 50-51, 53, 47-49, 52-53, 42-46.

²³ *Op.cit.*, t. VI, p.6, 13-14, 20, 95-96, 103-105, 29, 32-36, 40, 42-47, 49.

deste colégio, que ensinavam as primeiras letras e o latim, deixaram as atividades de ensino porque precisaram estimular doutrinariamente os soldados portugueses e tiveram que organizar os índios das aldeias pertencentes ao colégio para o conflito. Somam-se a essas iniciativas o fato da instituição escolar ter sido ocupada pelos próprios soldados portugueses que recebiam assistência médica. O colégio também era considerado lugar seguro para a recuperação desses soldados e, transformou-se, então, em centro médico e em fonte de distribuição de alimentos, por serem os jesuítas os mantenedores financeiros da oposição a qualquer tentativa estrangeira de colonização.²⁴

Ao longo desta exposição, pôde-se observar que os ingleses e, sobretudo, os holandeses e os franceses exerceram uma interferência significativa sobre o funcionamento das instituições escolares dos jesuítas. Esses incursores não só repudiaram os jesuítas, como destruíram muitos dos seus colégios e fizeram com que o ensino se desestruturasse, tornando-o descontínuo.

Referência

SERAFIM LEITE, S.I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa e Rio de Janeiro: Liv. Portugália e Civ. Brasileira, t. I-VI, 1938-1949.

Rachel Silveira Wrege é professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp de Presidente Prudente/SP.

Recebido em: 30/03/2005

Aceito em: 30/06/2005

²⁴ *Op.cit.*, t.VI, p. 133-135, 138-139.